

RECURSO ÓPTICO E NÃO ÓPTICO PARA ALUNOS COM BAIXA VISÃO DO ENSINO MÉDIO NA PERSPECTIVA COLABORATIVA

Aline Tavares Nogueira Bezerra de Melo ¹
Cristiane dos Santos Silva Ferreira ²
Orientador do Trabalho: Elcio Correia de Sousa Tavares ³

RESUMO

As dificuldades acadêmicas de alunos com baixa visão, muitas vezes são percebidas nas menores ações do dia-a-dia. O relato em questão, teve o intuito de amenizar uma das barreiras encontradas em sala de aula da estudante A.C., que apresenta baixa visão no Centro Estadual de Educação Profissional Lourdinha Guerra e um dos pontos críticos é a acomodação postural inadequada, causada pela tentativa de leitura, na aproximação do texto aos olhos. Diante das observações posturais, foram realizadas adequações em seus materiais e criado um produto não óptico (suporte de escrita) idealizado pelas professoras da educação especial e pelo professor da disciplina de física que, além de ser um recurso de material sustentável, facilitaria o processo do desenvolvimento educacional da aluna, no momento da escrita e da visibilidade dos conteúdos. O uso do suporte permitiu que a aluna se posicionasse na altura na postura ideal ao seu padrão corporal e por ser um produto ajustável, fácil de manuseio, permitiu o uso do caderno e livros em posição ergonomicamente adequada, diminuindo as dores causadas pela má postura anterior e tornando mais agradável a experiência em sala de aula.

Palavras-chave: Baixa Visão; Aprendizagem; Adequação; Consciência Corporal; Ensino Médio Integral

¹ Especialista do Curso de Psicomotricidade da Universidade Potiguar -RN; alinetnogueira@gmail.com

² Especialista Curso de Psicomotricidade e Psicopedagogia pela UNIFACEX-RN
crisantoslife2018@gmail.com

³ Doutor do Curso de Física da Universidade Federal de Sao Carlos-SP, elciotavares67@gmail.com

INTRODUÇÃO

De acordo com a Portaria Nº3.128, de 24 de dezembro de 2008, do Ministério da Saúde, retrata no inciso § 2º: Considera-se baixa visão ou visão subnormal, quando o valor da acuidade visual corrigida no melhor olho é menor do que 0,3 e maior ou igual a 0,05 ou seu campo visual é menor do que 20º no melhor olho com a melhor correção óptica (categorias 1 e 2 de graus de comprometimento visual do CID 10) e onde sidera-se cegueira quando esses valores encontram-se abaixo de 0,05 ou o campo visual menor do que 10º (categorias 3, 4 e 5 do CID 10).

No contexto educacional, o Ministério de Educação-MEC, por intermédio da Secretaria de Educação Especial, considerando a Constituição Federal de 1988, que estabelece o direito de todos a educação; a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, de janeiro de 2008; e o Decreto Legislativo nº 186, de julho de 2008, que ratifica a Convenção Sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU, 2006), institui as Diretrizes Operacionais da Educação Especial para o Atendimento Educacional Especializado – AEE na educação básica, regulamentado pelo do Decreto nº 6.571, de 18 de setembro de 2008.

Tendo em vista que o público com baixa visão, faz parte da modalidade da educação especial, a qual se enquadra no atendimento educacional especializado, a equipe responsável pelo setor do AEE, do Centro Estadual de Educação Profissional Lourdinha Guerra – CEEPLG, observou que diante dos novatos laudados inseridos na seleção das matrículas antecipadas no início do ano letivo de 2023, havia uma aluna com um laudo oftalmológico apresentando na indicação com 19 grau em ambos olhos, detectando baixa visão.

A família foi chamada para a escuta antecipada e diálogo para entender as dificuldades que poderiam ser encontradas, mas não houve retorno. O não comparecimento da família, fez com que a equipe se reunisse, planejasse e se organizasse para dar início a um processo observacional em sala de aula com o intuito de explorar e descobrir aos poucos, a necessidade que a aluna tinha de mais urgente, tomando todas as providências cabíveis e cuidado, para que essa aproximação não se tornasse um processo de intervenção invasiva por se tratar de uma adolescente que apresentava uma timidez significativa.

Devido o CEEPLG ofertar o ensino médio em tempo integral, a equipe aproveitou o fato da estudante passar a sua maior parte do tempo no âmbito educacional, facilitando o processo observacional para, no decorrer do ano letivo, idealizar um projeto e realizar as ações planejadas, tendo como objetivo principal eliminar barreiras através de recursos ópticos e não ópticos facilitando o processo da aprendizagem e a conscientização corporal dentro de um contexto biopsicossocial.

O projeto relatado é fruto de questões que permeiam a rotina escolar de uma aluna com baixa visão diante de desafios a serem superados no processo ensino-aprendizagem no primeiro ano do ensino médio. As questões norteadoras se pautam no objetivo de refletir sobre os recursos ópticos e não ópticos para exercer uma ação pedagógica com a aluna com baixa visão. A motivação do estudo sinaliza um compromisso de contribuir teoricamente na prática pedagógica, entendendo que o trabalho colaborativo é muito importante no processo de inclusão, sabendo que a aluna

necessita de apoio e atenção para superar as dificuldades e não desistir de seus sonhos e metas.

Para que a escolas sejam verdadeiramente inclusivas, ou seja, aberta às diferenças, há que se reverter o modo de pensar e de fazer Educação nas salas de aula, de planejar e de avaliar o ensino e de formar e aperfeiçoar o professor, especialmente os que atuam no Ensino Fundamental e em outras etapas da educação básica (MANTOAN, 1997, p. 10).

O objetivo principal do trabalho foi melhorar o rendimento escolar da estudante em questão através da criação de um dispositivo não óptico que melhorasse sua postura com o caderno e os livros utilizados em sala de aula, diminuindo as dores causadas pela má-postura.

METODOLOGIA

O ano letivo iniciou no dia 13 de fevereiro do ano de 2023. Já no mês mencionado a equipe deu início às observações em relação às dificuldades na leitura enfrentadas pela estudante nas primeiras semanas do ano letivo, como mostrado nas figuras 1 e 2.

Diante das dificuldades apresentadas, a professora da educação especial e a professora do AEE elaboraram estratégias que possibilitariam o desempenho escolar de forma autônoma e confortável. As ações que foram executadas para tornar a visualização acessível foram:

- Ampliações das atividades escritas para fonte arial tamanho 18;
- Uso de canetas esferográfica ponta porosas preta e azul marinho, Lápis 4B e 6B, que têm o grafite mais escuro e de borrachas adequadas;
- Uso da lupa para leitura;
- Cuidado com a iluminação na sala de aula;
- Orientações aos professores em relação a exposições dos materiais didáticos ampliados: exposições de conteúdos exposto em slides e na lousa;
- Atividades e trabalhos avaliativos ampliados e com tempo flexível na realização do que é proposto pelos professores; Uso de notebook e chromebook para pesquisas diversas.

Esses recursos foram colocados em prática dialogando com a aluna, sempre perguntando se o material estava sendo acessível e confortável com intuito de permitir a aproximação do material para leitura. Pensando na tentativa de amenizar esse desconforto postural, foi criado um dispositivo de suporte à leitura. Algo que fosse leve, móvel e simples de usar, para que a aluna pudesse colocar o caderno ou o livro a uma distância que lhe permitisse a leitura e que a mantivesse em uma postura que evitasse as dores e desconforto que sofria.

As fotos a seguir, apresentam a construção do recurso de acessibilidade à prancheta e os testes finais.



Figuras 1 e 2 - Criação do suporte



Figuras 3 e 4 - Uso do suporte pela estudante

Após a entrega da prancheta a professora da educação especial passou a orientar a aluna em relação ao uso dos recursos adaptados em sua rotina escolar diariamente. A professora do AEE, realiza atividades duas vezes por semana com a aluna em relação a sua postura diante do que é proposto, envolvendo a consciência corporal diante de uma postura adequada ao sentar, ao caminhar e uma melhor visibilidade no ângulo para a realização da escrita e da leitura.



Figura 5 - O suporte pronto para ser usado



Figura 6 - visualização do ângulo postural: trabalhando na observação da postura e no uso dos materiais escolares;

A mesma, teve uma aceitação de tudo que era proposto, devido muito esforço para olhar a tela do celular em todos os momentos de olhar mensagens ou quando era utilizado na ampliação do conteúdo exposto na lousa, acomodação postural inadequada na cadeira da sala de aula tendo que debruçar o corpo e o rosto sobre a carteira, quase sempre que necessário para realizar a escrita, a aluna adquiriu confiança e foi possível avançar, colocando em prática as intervenções diretas durante todo o período da aluna na escola. O qual foi distribuído no turno matutino, com o apoio da professora da educação especial, o experimento de variados tipos de lápis, cores de slides, tamanho de fonte adequada.

No contraturno, com a professora do Atendimento Educacional Especializado, realizando uma análise postural feito no aplicativo APECS (aplicativo que possibilita realizar análise postural), com o objetivo de visualizar o ângulo real do posicionamento que a aluna se encontra ao permanecer sentada na cadeira tentando fazer prevenções adequadas diante da pouca consciência corporal e como pode ser prejudicial à sua escrita devido a sua pouca visibilidade.

Diante dessas intervenções, foi idealizado um produto que pudesse ajudar a estudante. E dentro do laboratório de física foi visto uma base para lançamento de foguete, onde rapidamente foi pensado em um apoio para que pudesse ser utilizado durante a sala de aula sobre a carteira e que ajudasse a melhorar a postura e pudesse posicionar o caderno ou livro para a leitura e a escrita.

A ideia foi levada para o professor de física que prontamente elaborou um apoio com material de produto sustentável e de baixo custo com cano de PVC, baseando-se no exemplo de uma prancha de mesa. Diante de seus embasamentos teóricos, criatividade e habilidades, o professor da disciplina de física, precisou realizar vários testes para montar o produto, estudando cuidadosamente o melhor encaixe, ajustando de acordo com as medidas prévias, verificação da altura, tamanho e a

regulação do melhor inclinação e entre outros artifícios utilizados para chegar a conclusão do produto.

REFERENCIAL TEÓRICO

No que se refere à educação geral, o atendimento de “educandos deficiente”, particularmente aqueles que necessitam de auxílios ou serviços especiais, muitas vezes tem o seu processo educacional prejudicado por barreiras estruturais e conjunturais do sistema escolar (MAZZOTTA, 1982, p.21).

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Ao início do segundo semestre o recurso não óptico foi finalizado e entregue, se tornando útil para um projeto de intervenção, dando ênfase na eliminação de barreiras e facilitando no processo da aprendizagem e no desenvolvimento da consciência corporal adequada da pessoa com baixa visão. No momento, o recurso vem sendo utilizado apenas com a aluna A.C. do primeiro ano B do curso de informática, que é a única inserida na escola com esta deficiência. No tocante, sabemos que há um longo percurso a ser percorrido e que ainda é preciso inúmeras ações e tomada de decisão para que a inclusão e os recursos de acessibilidades seja uma realidade dentro na rotina do estudante com baixa visão, no que se refere a garantir o efetivo atendimento aos educandos com necessidades especiais o trabalho colaborativo é de suma importância na idealização e concretizada: recurso de acessibilidade: trabalho colaborativo, professores da educação especial, do AEE e da disciplina de física.

Ao longo do ano foi percebido pela equipe que a aluna apresentou mudanças em seu comportamento como todo adolescente em seu contexto emocional. A.C., demonstrou mais vaidosa, mais inteirada nos grupos e criando mais autonomia em sua socialização. A promoção para o ano seguinte, onde está inserida no segundo ano do ensino médio, adquiriu mais segurança em suas atitudes e confiança na equipe ao externar que o protótipo desenvolvido para ela, causava um desconforto em sala por se sentir-se envergonhada. Diante desta fala, um novo produto, está em processo de elaboração para apoiar o celular, com materiais que deverá constar a esquematização dos dados encontrados, na forma de categorias analíticas e sistematização dos achados empíricos.

Nesta sessão poderão ocorrer o uso de gráficos, tabelas e quadros, atentando para a utilização e identificação segundo as normas da ABNT.

As discussões (análises) geradas a partir dos resultados deverão ser criativas, inovadoras e éticas, de maneira a corroborar com as instruções de pesquisa científicas do país. Levando em consideração a referencia a autores e teorias, bem como referenciando os resultados encontrados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ação colaborativa da equipe de professores AEE/Educação Especial/Disciplina de Física, na elaboração de um produto que eliminasse barreiras para alunos com baixa visão, teve grande significância em proporcionar uma melhor qualidade de estudos e prevenção na organização postural, contudo uma melhor qualidade de vida, a aluna do

Centro Estadual de Ensino Profissional Professora Lourdinha Guerra-CEEPLG. Sendo assim, o envolvimento do corpo discente em sala de aula se adaptou a condição da aluna, valorizando a sua capacidade e condição de ser atuante, protagonista de suas ações pedagógicas capaz de conduzir as suas aprendizagens.

[...] A educação inclusiva é uma prática inovadora que está enfatizando a qualidade de ensino para todos os alunos, exigindo que a escola se modernize e que os professores aperfeiçoem suas práticas pedagógicas. É um paradigma que desafia o cotidiano escolar brasileiro. São barreiras a serem superadas por todos: profissionais da educação, comunidade, pais e alunos (DELOU *et al*, 2008, p. 22).

AGRADECIMENTOS

A equipe da educação especial do Centro Estadual de Educação Profissional Professora Lourdinha_CEEPLG, agradece ao professor Doutor Elcio Tavares, à gestão escolar e a todos os professores desta instituição de ensino, por respeitar e valorizar o espaço do professor da Educação Inclusiva, permitindo que a nossa atuação siga em paralelo ao todo corpo docente e aos alunos com NEE, dentro de uma perspectiva colaborativa inclusiva.

REFERÊNCIAS

MONTOAN, Maria Tereza Eglér. E colaboradores. Contribuições para uma reflexão sobre o tema. IN:_____. **A integração de pessoas com deficiência**. São Paulo: SENAC, 1997.

MAZZOTTA, Marcos José da Silveira. **Fundamentos de Educação Especial**. São Paulo: Ed. Bisord, 1982.

DELOU, Cristina Maria Carvalho. et al. **Fundamentos Teóricos e Metodologia da Inclusão**. Curitiba: IESDE Brasil S.A. 2008.